

Neste número

Luís Jorge Bruno Soares 4

Dossier – Questões de planeamento e de gestão do território em Portugal

Luís Jorge Bruno Soares 9

Área Metropolitana de Lisboa: Estruturar a Fragmentação Urbana

Miguel Namara Barros 29

Projecto Urbano: Um enquadramento na actual prática urbanística

João Morais Mourato 43

O Problema 21

Rita Encarnação 55

Disfunções do sistema de planeamento territorial português e a recente evolução normativa: O caminho para a mudança?

Eva Maria Blum 67

Um olhar etnográfico sobre culturas de planeamento

Luís Mamede, António Tavares, Manuel Fernandes de Sá 71

Avaliação do Contrato-Programa Polis do Porto

António Fonseca Ferreira 83

*Cultura e Desenvolvimento Regional**ARTEMREDE – da reabilitação do património à promoção e gestão cultural***Memórias – Orlando Ribeiro**

João Ferrão 89

*Orlando Ribeiro (1911-1997)**Um testemunho de celebração do centenário do seu nascimento***Responsável pela
coordenação do Número:**Luís Jorge Bruno Soares
Bruno Lamas**Impressão:**Rainho & Neves, Lda.
Santa Maria da Feira**Edição:**Edições Afrontamento
Rua de Costa Cabral, 859
4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt**Capa:**

Gil Maia

Nº. de edição: 1402

Depósito legal: 36316/90

ISSN: 0873-6308-43

Director: António Fonseca Ferreira

Redacção: António Fonseca Ferreira, Fernando Gonçalves, Fernando Nunes da Silva, Isabel Guerra, Isabel Sousa Lobo, João Cabral, Luís Bruno Soares, Lusitano Santos, Pedro George, Teresa Barata Salgueiro.

Colaboradores permanentes: Ana Lebre, Helena Calado, Henrique Albergaria, João Ferrão, João Mora Porteiro, Jorge Carvalho, Jorge Macaísta Malheiros, José Anselmo Vaz, José Manuel Henriques, Lucília Caetano, Manuel Fernandes de Sá, Manuel Salgado, Margarida Sousa Lobo, Maria João Quedas, Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira, Paulo Conceição, Paulo V. D. Correia, Robert Stüssi, Sofia Plácido Abreu, Teresa Craveiro, Victor Casimiro.

Secretário técnico: Vital Rosário

Proprietário: Edições Afrontamento / Rua de Costa Cabral, 859 • 4200-225 Porto

Assinatura: n.º 41, 42 e 43: 40 € / Regiões Autónomas 45 €
Europa 55 € / Resto do Mundo 60 €

Redacção: Rua Professor Bento de Jesus Caraça, 27
1600-600 Lisboa • Tel. 21 7575697 • Fax: 21 7575697
e-mail: sociedade-territorio@iol.pt

Administração: Rua de Costa Cabral, 859/4200-225 Porto
Tel. 22 5074220 • Fax: 22 5074229
e-mail: geral@edicoesafrontamento.pt
www.edicoesafrontamento.pt

Sociedade e Território aceita e agradece os originais que lhe forem enviados. Caberá no entanto à redacção decidir sobre a oportunidade de inclusão das contribuições não solicitadas.

ORLANDO RIBEIRO (1911-1997)

UM TESTEMUNHO DE CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

João Ferrão*

Não é verdade que o destino entre cego na nossa vida, não.

O destino entra pela porta que nós mesmos abrimos, convidando-o a passar.

Sándor Márai

Tenho à minha frente o último relatório da Unesco sobre Ciências Sociais, preparado pelo Conselho Internacional de Ciências Sociais¹. Num dos seus artigos², leio que o pico de referências em relação a publicações em ciências naturais e engenharia, ou em artes e humanidades, é geralmente atingido dois ou três anos após essas publicações serem editadas, diminuindo rapidamente a partir daí. Nas ciências sociais esse pico é mais tardio e estável, prolongando-se por quatro a nove anos, e decai posteriormente de forma menos abrupta.

Face àqueles valores médios, o facto de o Google Académico identificar no final de 2010 um valor superior a 200 referências em relação à edição de 1963 de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* de Orlando Ribeiro³ revela bem o impacto invulgar que esta obra mantém quase meio século após a sua publicação.

Este exemplo, quase caricatural, mostra como Orlando Ribeiro não é apenas um geógrafo reconhecido nacional e internacionalmente e por autores de distintas áreas disciplinares. Na sua crieza

quantitativa, o exemplo dado sublinha o essencial: Orlando Ribeiro integra o mundo restrito dos clássicos. Faz parte da história da ciência e da Universidade, que ajudou a construir, e está presente nas nossas visões sobre Portugal e o mundo, que nos ajudou a decifrar.

Muito se tem escrito sobre a vida, a obra, as ideias e até os gostos e preferências literárias e musicais de Orlando Ribeiro. E graças ao trabalho coordenado por Suzanne Daveau, podemos hoje aceder facilmente ao essencial das actividades desenvolvidas por Orlando Ribeiro consultando o sítio www.orlando-ribeiro.info. O objectivo deste texto não é, por isso, sumariar, caracterizar e comentar essas actividades e o seu contributo para a geografia, a ciência, a Universidade e o país, tarefa que outros já fizeram com indiscutível competência e adequado pormenor. O meu objectivo é mais egoísta: acertar publicamente contas comigo mesmo sobre aquele que é, talvez, o único autor clássico que tive o privilégio de conhecer pessoalmente.

A verdade é que, paradoxalmente, *conheci* Orlando Ribeiro a partir dos livros.

Primeiro, por iniciativa própria. Li o livro *Ensaio de Geografia Humana e Regional*⁴ num dos últimos anos do liceu. Ninguém mo obrigou a ler ou sequer o recomendou. Vi-o na montra da Livraria Sá da Costa, ao subir a Rua Garrett, folheei-o, intrigou-me e comprei-o. Foi também por curiosi-

*Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Lisboa
Joao.ferrao@ics.ul.pt

¹ International Social Science Council (2010), *World Social Science Report 2010*. Knowledge Divides, Paris: Unesco Publishing.

² Archambault, E. e V. Larivière, «The limits of bibliometrics for the analysis of the social sciences and humanities literature», pp. 251-254.

³ Ribeiro, O. (1963), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: esboço de relações geográficas*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora (2ª edição, revista e actualizada).



Orlando Ribeiro em 1952,
Ilha do Sal

dade que li na biblioteca do Centro de Estudos Geográficos, para comparar com a *Geografia de Portugal* de Amorim Girão⁵, a obra equivalente de Orlando Ribeiro, escrita, para mim estranhamente, em castelhano: o tomo V da *Geografía de España y Portugal* organizada por Manuel de Terán⁶.

Dois anos na Faculdade de Ciências, onde então se iniciava a licenciatura de Geografia, e a emergência, na primeira metade da década de 1970, das chamadas Nova Geografia (positivista e quantitativa, associada ao planeamento e ao desenvolvimento regional) e Geografia Crítica (marxista e radical) submergiram as obras de Orlando Ribeiro num mundo de leituras onde o entusiasmo pelo novo e pela mudança deixavam pouco espaço para visões e interpretações vistas como demasiado tradicionais ou mesmo inevitavelmente ultrapassadas.

Alguns anos mais tarde, ao leccionar a disciplina «História e Teoria da Geografia» no departamento de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa, retomei e alarguei a leitura de obras de Orlando Ribeiro, apresentadas nas aulas como exemplo perfeito da influência da geografia francesa de cariz humanista e historicista em Portugal. E assim fui fazendo duas descobertas: a primeira foi que os alunos do curso de geografia (já) não liam Orlando Ribeiro; a segunda foi que a apresentação das obras de Orlando Ribeiro como correspondendo a uma fase específica da história da disciplina, agora substituída por outras mais ajustadas às realidades e necessidades das sociedades em modernização, me deixava crescentemente desconfortável. Instalava-se em mim, primeiro de forma quase subliminar e depois de um modo cada vez mais consciente, a ideia de que Orlando Ribeiro era estranhamente moderno. E que essa modernidade – mesmo quando falava de temas «tradicionais» – provinha do facto de ter um espírito curioso, independente, erudito e cosmopolita.

Tudo o que se defende hoje em ciência estava presente em Orlando Ribeiro: capacidade de visão, independência científica, articulação ensino-investigação, interdisciplinaridade, internacionalização, cultura abrangente e humanista, espírito empreendedor e reformista, reflexividade. Ser clássico é justamente isso: ser permanentemente moderno.

Mas concretizar esse conjunto de características e actividades era então bem mais difícil, num país fechado ao mundo e globalmente retrógrado. É por isso que a persistência e a produtividade de Orlando Ribeiro são verdadeiramente excepcionais. Criar uma «escola», um centro de estudos e uma revista prestigiada, construir uma memória da diversidade do país, que calcorreou de lés-a-lés a pé, de burro e de jipe, através de desenhos e fotografias de excepcional qualidade, conquistar reconhecimento internacional entre os seus pares e, talvez mais importante do que tudo isso, fazer sair o conhecimento científico das paredes da Universidade e contribuir para que tantos portugueses, com interesses e formações muito distintas, passassem a ter uma nova visão sobre Portugal e a evolução do seu papel no mundo é obra de um grupo, não de uma pessoa.

Ser permanentemente moderno é uma condição acessível a poucos e praticada ainda por menos, sobretudo quando as circunstâncias parecem aconselhar a acomodação ou mesmo a desistência.

Orlando Ribeiro escreveu muito sobre si próprio. E muitos dos que sobre ele escreveram acompanharam-no de perto, nalguns casos durante décadas. Sabemos que Orlando Ribeiro, pela sua frontalidade mas também por factores que lhe são completamente externos, viveu situações e períodos difíceis. Talvez a coincidência do seu regresso à Universidade de Sorbonne com os acontecimentos de Maio de 68, e a fase pós-1974 em Portugal, contextos em que tudo era contestado, da política à ciência, do papel da Universidade às perspectivas em geografia, tenham constituído a prova mais dura ao longo da vida de Orlando Ribeiro. Mas mesmo sabendo que estaria minoritário ou até isolado, Orlando Ribeiro teve força e coragem suficientes para dizer o que pensava sobre temas incómodos, como o processo de colonização, a reforma da educação, o estado da investigação ou a defesa da «velha» geografia.

«Eu sou eu e a minha circunstância», afirmou Ortega y Gasset há cerca de cem anos. Orlando Ribeiro, felizmente, procurou ligar pouco à sua circunstância.

⁴ Ribeiro, O. (1979), *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

⁵ Girão, A. de Amorim (1941), *Geografia de Portugal*, Porto: Portucalense Editora, Lda.

⁶ Terán, M. de (dir.) (1955), «Portugal», in *Geografía de España y Portugal*, V, Barcelona: Montaner y Simón.